

V Seminário Internacional de Pesquisa em Prisão

9 a 11/12/2019 – FFLCH-SUP, São Paulo

Grupo de trabalho 8 – Execução penal, assistências penitenciárias e educação

Título: O projeto Rodas de Leitura e a remição de pena nos presídios da região metropolitana de BH

Nome: Alexandre José Amaro e Castro

Instituição: CEFET-MG

Resumo

O projeto Rodas de Leitura, inspirado na resolução 204/2016, foi implementado pelo SERVAS (Serviço Social Autônomo do Governo de Minas Gerais), durante a gestão do governador Fernando Pimentel, nos presídios da região metropolitana Belo Horizonte, de abril de 2017 a dezembro de 2018, “com a missão de estimular o público carcerário (...), substituindo seu tempo ocioso pela literatura, instigando novas formas de enxergar o mundo e possíveis mudanças de trajetória”.

Ao longo dos 20 meses do projeto foram realizadas 45 rodas de leitura em 10 presídios, com a participação de 600 presos e a aprovação de 291 resenhas. O estímulo à leitura contribuiu para o “fortalecimento da perspectiva idealística que defende a transformação das instituições penais em estruturas de reafirmação e recuperação de sujeitos de direito, não as validando, simplesmente, como centros de repressão e punição”, conforme é descrito na justificativa do projeto Rodas de Leitura. Nessa perspectiva, para além do objetivo prático da remição da pena, buscou-se estimular o contato com narrativas e poemas como forma de humanizar um ambiente marcado pela violência física e simbólica dos sujeitos.

Esta comunicação propõe a analisar a importância do projeto Rodas de Leitura, bem como comentar a recepção da poesia do escritor Ricardo Aleixo em uma das rodas, ocorrida no presídio de Sete Lagoas-MG, em novembro de 2018. Durante 4 encontros, analisou-se o conjunto de poemas da coletânea “Pesado demais para a ventania”. No último encontro, o poeta esteve presente para uma conversa com os detentos

Palavras-chave: “Remição pela leitura”, “Rodas de Leitura”, “Educação em presídios”

Introdução

O trabalho com literatura nos presídios da região metropolitana de Belo Horizonte teve início por iniciativa do SERVAS (Serviço Social Voluntário), órgão do governo do estado de Minas Gerais, responsável por ações que buscam reabilitar ou incentivar pessoas socialmente desfavorecidas. Baseado na resolução conjunta SEDS/TJMG nº 204/2016 que instituiu e regulamentou o funcionamento do projeto “Remição pela Leitura” aos custodiados nas Unidades Prisionais do Estado de Minas Gerais, o SERVAS contou com o trabalho de 25 voluntários durante 1 ano e 8 meses no projeto intitulado Rodas de Leitura. O artigo 2º dessa resolução esclarece que o projeto “tem como objetivo oportunizar aos recuperandos os direitos ao conhecimento, à educação, à cultura e ao desenvolvimento da capacidade de pensamento crítico, por meio de atividade de leitura e produção de resenha”. Ao preso, é dada a oportunidade da leitura mensal de uma obra literária, clássica, científica ou filosófica, dentre outras. Como forma de comprovação da leitura, produz-se, ao final, uma resenha, que, se aprovada pela Comissão Organizadora, permite a redução de 4 dias da pena do participante. Ao final de um ano, o preso pode ter subtraídos 48 dias do total de sua pena, com a leitura de 12 obras.

O projeto *Rodas de Leitura*, inspirado na resolução 204/2016, foi implementado pelo SERVAS (Serviço Voluntário de Assistência Social do Governo de Minas Gerais), durante a gestão do governador Fernando Pimentel, nos presídios da região metropolitana Belo Horizonte, de abril de 2017 a dezembro de 2018, “com a missão de estimular o público carcerário (...), substituindo seu tempo ocioso pela literatura, instigando novas formas de enxergar o mundo e possíveis mudanças de trajetória”. Essa iniciativa abriu uma janela para o acesso aos custodiados dispostos a ler obras literárias, sobretudo por ter sido uma iniciativa de governo, amparada pelas diretrizes do Tribunal de Justiça de Minas Gerais em consonância com a Lei de Execução Penal. Ao longo dos 20 meses do projeto foram realizadas 45 rodas de leitura em 10 presídios, com a participação de 600 presos e a aprovação de 291 resenhas. O estímulo à leitura contribuiu para o “fortalecimento da perspectiva idealística que defende a transformação das instituições penais em estruturas de reafirmação e recuperação de sujeitos de direito, não as validando, simplesmente, como centros de repressão e punição”, conforme é descrito na justificativa do projeto *Rodas de Leitura*. Nessa perspectiva, para além do objetivo prático da remição da pena, buscou-se estimular o contato com narrativas e poemas como forma de humanizar um ambiente marcado pela violência física e simbólica dos sujeitos.

A antologia poética *Pesado demais para a ventania* do poeta belo-horizontino Ricardo Aleixo foi um dos livros trabalhados durante o projeto nos presídios de Caeté e Sete Lagoas. O desafio de se estimular a leitura poética no ambiente prisional se deu a partir da observação de que mais de 90% dos livros oferecidos pelo projeto eram narrativas - romances, contos, crônicas. Buscou-se diversificar o gênero literário para se estimular uma outra percepção da literatura, mais sugestiva e fragmentária, a partir de formas híbridas que colocavam em movimento a relação entre o texto e a imagem, como ocorre no livro de Aleixo. A recepção da obra foi muito proveitosa, visto que, durante a visita do poeta ao presídio de Sete Lagoas, os reclusos demonstraram enorme interesse no diálogo sobre o gênero lírico com o autor. Neste trabalho, apresentarei os resultados dessa experiência de leitura, bem como os detalhes desse encontro entre o poeta e o público leitor do presídio.

Poesia e resistência

Pesado demais para a ventania, publicado em 2018 pela editora Todavia, reúne poemas dos 11 livros que compõem a obra de Ricardo Aleixo. A coletânea se divide em seis partes que contemplam temas importantes da obra do poeta belo-horizontino: “Desde e para sempre” (poemas sobre a memória pessoal e familiar do poeta, bem como experiências com gêneros da tradição africana em homenagem aos orixás, os *orikis*); “Outros, o mesmo” (textos que exprimem a face múltipla do eu-escritor); “Ter escrito ainda não existe” (reflexões sobre o fazer poético); “O coração, meu limite” (poemas que abordam o tema do amor e seus desdobramentos); “Multidão nenhuma” (a relação do poeta com a cidade e com os outros indivíduos) e “Queridos dias difíceis” (poemas sobre a resistência e o combate ao racismo).

A trajetória de Ricardo Aleixo, iniciada com o livro *Festim* (1991), é um exemplo de resistência e dedicação à palavra artística. Autor inquieto, Aleixo sempre buscou operar no limite da expressão poética e na interseção com outras artes, como a música, o design, as artes plásticas, o cinema. Os poemas que compõem a antologia oferecem um panorama desse trajeto, desde a sua formação humana transmitida pelos pais - o poeta é autodidata, tendo optado por não seguir o ensino formal -, passando pelas experiências com poesia visual, que marcaram sobretudo seu início de carreira.

O título da obra remete ao poema “Inferno”, em que o poeta situa esse espaço simbólico num plano existencial, para além de qualquer apelo místico ou moral:

Inferno

*sob um
silêncio pesado*

*demais para
a ventania sob a*

*pequena noite
vista da primeira*

*janela
à esquerda*

*sob a trilha de
estrelas novas*

*sob um
nome nunca*

*pronunciado sob um
trilo terrível*

*sob o
monstro re*

*- pior, o mundo -
animado¹*

¹ ALEIXO, Ricardo. *Pesado demais para a ventania*. São Paulo: Todavia, 2018. p. 179.

Ampliando os versos do poema para o título do livro, desloca-se, metonimicamente, a imagem de um “silêncio pesado demais para a ventania” para toda a poética do autor, que não será facilmente varrida pelo vento, seja por seu valor estético, seja por seu caráter de resistência. Esse traço, aliás, é um forte componente da poesia de Aleixo, sobretudo nos poemas que abordam a condição marginal dos negros diante de uma sociedade excludente e racista. Destaquem-se os poemas do capítulo *Queridos dias difíceis*, em que o autor aborda a militância (“Eu, militante, me confesso”), a invisibilidade social (“Dor”), o exílio dentro da própria pátria (“Fábula”), a resistência (“Queridos dias difíceis”), a brutalidade (“Chamado cavalo”), a injustiça (“Geral”), o compadrio na crítica literária (“New old criticism”), o patriarcalismo (“Branco”) e o racismo (“Meu negro”).

“Pesado demais para a ventania” é um livro denso, mas não por isso impenetrável. Seus poemas provocam a reflexão sobre o estar no mundo e levam o leitor a olhar para si mesmo nessa babel em que muitos falam e ninguém escuta. O desafio de se trabalhar essa poesia num ambiente prisional se deu menos pela surpresa diante da linguagem do que pelo reflexo que o livro produziu na vivência de cada participante. Ali estão pessoas que em grande parte foram excluídas de uma sociedade segregadora e desigual. A experiência de uma vida no crime - e sua consequente punição - oferecem a condição propícia para a discussão em torno dos temas desenvolvidos por Ricardo Aleixo em sua coletânea. Os participantes puderam experimentar esse deslocamento que a linguagem e os temas do livro ofereceram, mirando para fora da prisão, ao mesmo tempo em que abriam uma janela para dentro de si e analisavam a própria história.

A poesia dentro da cela

Durante as rodas de leitura no presídio de Sete Lagoas foram escolhidos alguns poemas que compõem as 6 partes em que se divide o livro. O objetivo era trabalhar temas como a memória, a marginalidade, a estética das palavras, as questões sociais e raciais e a representação da cidade na obra de Ricardo Aleixo. Buscou-se com isso contemplar alguns assuntos que permeavam o cotidiano de boa parte dos reclusos que cumpriam penas por crimes variados, com destaque para o tráfico de drogas e o roubo.

O primeiro texto do livro é “Lingua lingua”², poema em que Aleixo trabalha com o conceito de origem, tanto do ponto de vista da identidade linguística quanto da racial:

² ALEIXO, 2018. p. 13.

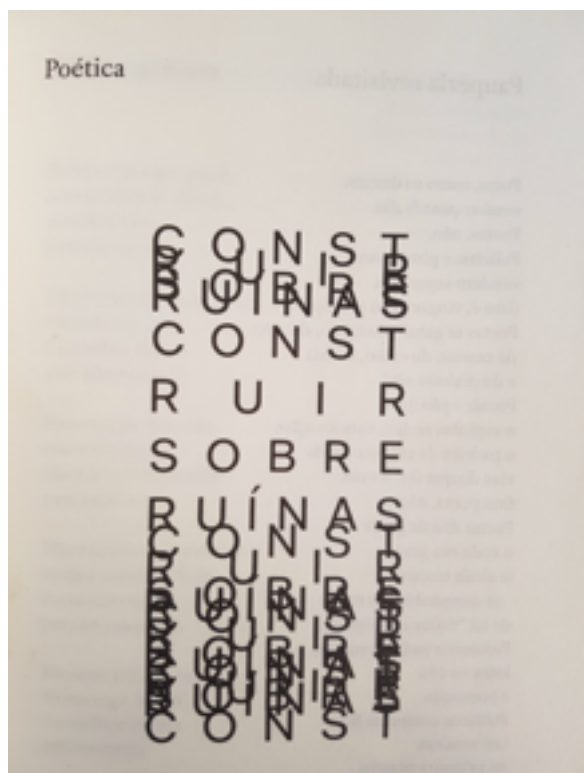


O poeta se inclui na tradição de uma prática linguística não oficial e híbrida, que assimila elementos das culturas europeia e africana, operando na liberdade da expressão popular: o pretoguês. Sendo assim, essa língua afigura-se como o código adequado para o gênero poético desenvolvido por Ricardo Aleixo por ser renovadora da expressão - como deve ser a poesia - e plena da complexidade e do hibridismo - como particularmente é a poesia de Aleixo.

O contato dos presidiários com esse poema suscitou uma discussão importante sobre modos de expressão. No universo da cadeia, as gírias são o recurso mais comum para se trabalhar a língua em seu aspecto inventivo e plural. Como se sabe, a gíria é uma ferramenta de expressão que, ao mesmo tempo em que configura uma ideia de comunidade de falantes, se presta a proteger o grupo do poder estabelecido em um ambiente hiper-vigiado como um presídio. Alguns detentos revelaram o significado de algumas expressões peculiares do seu cotidiano, demonstrando consciência sobre papel que a linguagem possui nas relações de poder. Outro ponto destacado na interpretação do poema foi a questão da identidade racial, visto que a maioria dos detentos era composta por negros ou pardos. A ideia de um "pretoguês" foi entendida como um modo de veicular ideias peculiares à tradição negra brasileira, presentes no linguajar das periferias, no cancionero popular ou nos ritos das religiões afrodescendentes.

Um outro texto trabalhado durante as rodas de leitura foi “Conheço vocês pelo cheiro”, poema em que Aleixo critica a ganância da sociedade materialista. A reflexão junto aos detentos considerou os indivíduos que têm “(...) amor ao dinheiro / que algum / ancestral remoto / lhes deixou / como herança”³, mas também aqueles que, ao buscar a vida do crime, deixam-se levar pela mesma ganância, desprezando o valor da vida pelo acúmulo de bens materiais, como destacou o detento G.B. Condenado por uso e tráfico de drogas, G.B. foi atleta de *mountain bike*, tendo-se destacado em provas da competição no estado de Minas Gerais. Segundo ele, apesar de focalizar o comportamento do universo burguês, o poema evocou atitudes comuns no mundo do crime, sobretudo no universo do tráfico, em que dívidas não pagas são punidas com a morte. Esse depoimento foi importante por relativizar a noção de materialismo, demonstrando que, independentemente da origem social, sempre que o indivíduo tiver a chance acumular bens, ele tenderá a se tornar ganancioso e egoísta, reflexão que expandiu e problematizou a compreensão do poema.

“Poética”⁴, poema que abre o capítulo “Ter escrito ainda não existe”, é outro texto cuja análise foi extremamente proveitosa durante as rodas de leitura no presídio de Sete Lagoas .



Buscou-se discutir, a partir da interpretação da relação entre as palavras e a imagem, a ideia de ruína/construção desenvolvida no poema. A partir da análise dessa relação, chegou-se à ideia de que metaforicamente toda construção simbólica só se faz a partir do acúmulo de experiências e vivências que se realiza durante o percurso existencial de cada um. O destaque dessa análise foi a associação entre as ideias *construção* e *ruína* com o trabalho de leitura literária para pessoas privadas de liberdade. Segundo a interpretação do detento G.C.S., o

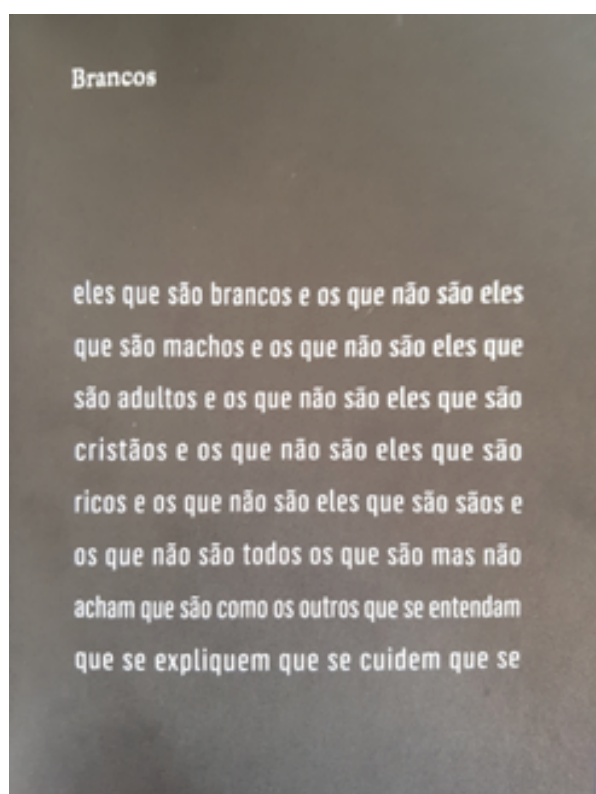
³ ALEIXO, 2018. p. 57.

⁴ Idem, p. 79.

contato com narrativas e poemas ajudavam na elaboração de pensamentos e reflexões que ajudavam a suportar a rotina rígida de quem vive aprisionado. Em meio à ruína existencial, os encontros semanais abriam a possibilidade de se “construir” algo, tanto pelas trocas verbais, quanto pela escrita da resenha e a possível remissão da pena.

Um outro poema do livro de Ricardo Aleixo cuja interpretação foi extremamente rica foi “Re:provérbio”: *quem nunca comeu farelos / aos porcos se misturando / que atire a primeira / pérola*⁵. Primeiramente buscou-se destacar a presença dos ditos populares modificados parodicamente no poema: “Quem come farelos aos porcos se mistura”, “Atire a primeira pedra quem nunca pecou” e “Jogar pérolas aos porcos”. Discutiu-se a presença da moral e da ideologia nos ditados populares, bem como o papel da paródia na desconstrução desse poder. A partir daí deixou-se espaço para a interpretação dos alunos dentre as quais se destacou a do detento J.P.S.N. Partindo da letra da canção “Jesus Chorou” do grupo de RAP Racionais MC’s (“Não joga pérolas aos porcos irmão, /Joga lavagem / Eles prefere assim, / Cê tem de usar piolhagem!”), o participante chamou a atenção para a ideia de que todos estamos sujeitos a percorrer caminhos do vício e da virtude e que o que nos faz cidadãos é o conhecimento dos limites entre esses lugares simbólicos.

Um último destaque das análises durante as rodas de leitura no presídio de Sete Lagoas foi o poema “Branços”⁶:



Novamente, o foco inicial da abordagem foi a relação palavra/imagem, tão cara à tradição concretista a que parte da poesia de Ricardo Aleixo se filia. Refletiu-se sobre a função do fundo negro da página, suporte de um poema que trata da questão racial e da crítica aos privilégios dos brancos em um país marcado pelo racismo

⁵ ALEIXO, 2018. p. 79.

⁶ Idem, p. 189.

como o Brasil. A partir dessa análise, discutiu-se o modelo de poder que encerram as palavras “brancos”, “machos”, “adultos”, “cristãos”, “ricos” e “sãos”. Resgatou-se o ditado “Eles que são brancos que se entendam” como ponto de partida para a reflexão, uma vez que os brancos, na crítica presente no poema, além de se entender, são instigados a se explicar e a se cuidar. Falou-se também do final “em aberto” do texto, a partir expressão “que se” no desfecho do poema. O poema gerou uma reflexão sobre a hierarquia presente numa sociedade patriarcal, em que o contraponto dos termos destacados diz muito sobre a exclusão presente em nossa realidade: os não brancos - negros, mestiços, índios -, os não adultos - crianças, adolescentes -, os não cristãos - umbandistas, candomblecistas, budistas, ateus -, os não ricos - pobres, mendigos, miseráveis - e os não são - drogados, alcoólatras, deprimidos.

O trabalho com os poemas de Ricardo Aleixo no ambiente prisional permitiu a discussão de diversos temas inerentes à condição de pessoas privadas de liberdade, tais como exclusão, memória, marginalidade, identidade e opressão. A dinâmica dos encontros semanais permitia a cada um a elaboração de opiniões e interpretações a respeito dos textos, mediadas por mim e pela pedagoga do presídio, o que resultou numa troca de experiências e saberes. A visita do poeta no último encontro com os detentos expandiu essa experiência, permitindo a todos o contato direto com o autor.

Uma conversa entre iguais

A visita do poeta Ricardo Aleixo ao presídio Promotor José Costa em Sete Lagoas-MG ofereceu aos detentos participantes do projeto do SERVAS a oportunidade de trocarem impressões de leitura diretamente com o autor. Antes de falar sobre sua antologia, Aleixo destacou o papel de seus pais em sua escolha pela carreira de escritor. Apesar da realidade social desfavorável, a família nutria grande apreço pela leitura e pelas artes, sobretudo a música e o cinema. Moradores da periferia de Belo Horizonte, o pai Américo e a mãe Iris sempre incentivaram seus filhos à leitura e à escrita no ambiente doméstico, onde foram alfabetizados. O poeta mencionou o costume de seu pai ao ler em voz alta para ele e sua irmã, ensinando-lhes a postura correta, a entonação, o volume, as pausas, o modo de segurar o livro, enfim, tudo que diz respeito à oratória. A reverência a essa herança pessoal deu o tom do encontro, desmistificando a imagem do poeta como uma figura distante e inacessível, conforme relato de alguns dos participantes.

A conversa foi entrecortada de perguntas sobre aspectos da carreira do poeta e dúvidas sobre a motivação e o conteúdo dos poemas. Questionado sobre a influência da boemia em sua escrita, Aleixo destacou a importância da rua como um elemento constante em sua obra. Para exemplificar, leu o poema “Convivo muito bem com os cães da rua”, em que se cria um paralelo entre o cão e o poeta em sua relação com o espaço urbano, “cada um caçando, do seu jeito, a vida”. O escritor destacou seu gosto pela rua, ao mesmo tempo em que ressaltou seu apreço pelo ambiente doméstico, em sua casa no bairro Campo Alegre. Segundo ele, o gosto pela rua não é pela vida boêmia e sim pelo prazer em sentir-se mais um no meio da multidão, como um homem comum.

Questionado sobre a presença de aspectos biográficos ao longo dos poemas - sobretudo nos que citam nomes de parentes -, Aleixo ressaltou a importância da memória afetiva em sua obra, componente de uma trajetória

iniciada num ambiente familiar que o incentivou a fazer as escolhas de sua carreira artística. Após a leitura de “Qual deles morrerá primeiro”, em que reproduz uma conversa com a irmã sobre o destino dos pais, o poeta discorreu sobre a importância da mãe em sua escrita, tanto pela inteligência quanto pela sensibilidade em seu trato com a vida. Iris deixou ao poeta o legado da percepção e da atribuição de valor a todo elemento disposto na página de um livro ou revista, influenciando-o em seu trabalho como designer gráfico.

Ironicamente, após manifestar os sintomas do mal de Alzheimer, a mãe deixou de lembrar-se dos familiares, fato mencionado no trecho do poema:

(...)
*Um dia sua mãe já
não se recordará*

*dessas viagens.
Nem de muitas outras coisas.*

*Ela deixara de lembrar
até de que se casou*

*Com seu pai. Um dia.
E que fizeram dois filhos:*

*primeiro sua irmã
depois você.⁷*

Ricardo Aleixo comentou o aspecto não-ficcional do poema, destacando que a rememoração das cenas familiares perpetua o afeto por um núcleo de pessoas preocupadas tão somente com o bem estar uns dos outros. Outra pergunta importante desse encontro abordou as dificuldades do lançamento do primeiro livro, no contexto do início dos anos 90. Esse questionamento permitiu ao poeta discorrer sobre a necessidade de uma rede de leitores para a legitimação da escrita de um autor. Um primeiro empecilho dizia respeito à distância física e simbólica de um escritor negro, nascido na periferia de Belo Horizonte, apartado do circuito literário da cidade. Aleixo destacou que a literatura de então era a expressão de escritores de classe média que podiam publicar sem esperar recompensa financeira. Só após perceber que a venda dos exemplares de *Festim* pagou sua publicação, o autor se deu conta de que poderia seguir escrevendo e publicando, pois já havia rompido a primeira e resistente barreira para um autor novato no circuito literário da cidade. Após ter seu segundo livro comprado pelo governo do estado para ser distribuído nas bibliotecas escolares, Ricardo Aleixo constatou que poderia viver de seu ofício de escritor.

Arguido sobre os principais artistas que o influenciaram, o poeta leu o poema “Música mesmo”, em homenagem a Milton Nascimento. Para Aleixo, trata-se da melhor expressão da identidade mineira, embora tenha confessado ser avesso a rótulos que definam comportamentos em razão da origem. Os traços peculiares atribuídos aos mineiros, tais como a desconfiança excessiva e a hipocrisia no jogo das relações sociais nunca o agradaram, razão pela qual constam na coletânea poemas críticos à mineiridade como a “Antiode: Belorizonte”. Outro poema comentado por Ricardo Aleixo foi “Poética”, um dos textos trabalhados durante as

⁷ ALEIXO, 2018. p. 17.

aulas. Foi interessante para os detentos notarem que muitas vezes a motivação da escrita se encontra em elementos da própria palavra. O autor destacou o fato de que no interior da palavra “construir” existe o termo “ruir”, ou seja, na própria palavra que remete a “elaboração”, “montagem”, “construção” encontra-se sua antítese, como se toda construção estivesse destinada a um tipo de falência. O detento G.B. comentou que o contrário também pode ser verdade, pois, na cadeia, toda ruína pode ser uma nova construção.

Aleixo aproveitou o comentário para dizer que nada é mais parecido com um presídio do que uma escola, onde até mesmo o professor é um prisioneiro. Por mais que ele esteja na frente com o direito à palavra, ele está submetido a um conjunto de regras e modos de fazer que não respeitam sua individualidade e sua singularidade e o direito de ele ser ele mesmo. Ele é obrigado a usar uma viseira e colocá-la também em seus alunos. A distribuição espacial reflete e designa papéis muito específicos: um fala e outros ficam calados. Segundo o autor, a sensibilidade do professor é muito mais testada quando ele está em roda, assim como ocorria naquele momento do seu encontro com os presos. Essa fala reitera o pensamento de Michel Foucault, que cita escolas, hospitais, hospícios e prisões como locais de controle dos corpos:

Em primeiro lugar, o hospital, depois as escolas, e, mais tarde, a oficina, não foram simplesmente 'postos em ordem' pelas disciplinas; graças a estas, tornaram-se aparelhos tais que qualquer mecanismo de objetivação pode valer neles como instrumento de sujeição, e qualquer aumento de poder dá lugar a conhecimentos possíveis; foi a partir deste laço, específico dos sistemas tecnológicos, que se puderam formar no elemento disciplinar a medicina clínica, a psiquiatria, a psicologia infantil, a psicopedagogia, a racionalização do trabalho.⁸

Por fim, Ricardo Aleixo leu e comentou o poema “Meu negro”⁹, texto em que discute a identidade racial de pessoas historicamente segregadas em um país que no passado fora escravocrata e que até os dias de hoje exclui e violenta pessoas por causa da cor de sua pele. O poeta diz ter se inspirado no filme de Raoul Peck - “Eu não sou seu negro” -, baseado no livro *Remember This House* em que James Baldwin relata a vida e morte de alguns dos seus amigos, como Medgar Evers, Malcolm X e Martin Luther King Junior. A escolha de um fundo preto com as palavras em branco representava a tela de um cinema, além de criar um contraponto para o tensionamento racial entre negros e brancos. Segundo Aleixo, o poema é sobre a recusa em se aceitar como negro conforme o olhar do outro, apenas. Ser negro é existir para si, para sua cultura e para sua tradição. Juliana Borges, em seu livro *O que é o encarceramento em massa* aborda essa apropriação do corpo negro como um mecanismo do racismo “à brasileira”. Citando a historiadora Beatriz Nascimento, que diz que “ser negro é uma identidade atribuída por quem nos dominou” a pesquisadora aborda as sutilezas de um processo que retira o sujeito de si mesmo. O poema de Aleixo realiza, portanto, um movimento inverso de re-apropriação da própria negritude, assumindo e demarcando a própria identidade.

⁸ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Lisboa: Edições 70. Nota de apresentação. Posição 145 - e-book Kindle.

⁹ ALEIXO, 2018. p. 194.

Sou o que quer que você pense que um negro é. Você quase nunca pensa a respeito dos negros. Serei para sempre o Sou o que quer que você pense que um negro é. Você quase nunca pensa a respeito dos negros. Serei para sempre o que você quiser que um negro seja. Sou o seu negro. Nunca serei apenas o seu negro. Sou o meu negro antes de ser seu. Seu negro. Um negro é sempre o negro de alguém. Ou não é um negro, e sim um homem. Apenas um homem. Quando se diz que um homem é um negro o que se quer dizer é que ele é mais negro do que propriamente homem. Mas posso, ainda assim, ser um negro para você. Ser como você imagina que os negros são. Posso despejar sobre sua brancura a negrura que define um negro aos olhos de quem não é negro. O negro é uma invenção do branco. Supondo-se que aos brancos coube o papel de inventar tudo o que existe de bom no mundo, e que sou bom, eu fui inventado pelos brancos. Que me temem mais que aos outros brancos. Que temem e ao mesmo tempo desejam o meu corpo proibido. Que me escarpelariam pelo amor sem futuro que nutrem à minha negrura. Eu não nasci negro. Não sou negro todos os momentos do dia. Sou negro apenas quando querem que eu seja negro. Nos momentos em que não sou só negro sou alguém tão sem rumo quanto o mais sem rumo dos brancos. Eu não sou apenas o que você pensa que eu sou. que você quiser que um negro seja. Sou o seu negro. Nunca serei apenas o seu negro. Sou o meu negro antes de ser seu. Seu negro. Um negro é sempre o negro de alguém. Ou não é um negro, e sim um homem. Apenas um homem. Quando se diz que um homem é um negro o que se quer dizer é que ele é mais negro do que propriamente homem. Mas posso, ainda assim, ser um negro para você. Ser como você imagina que os negros são. Posso despejar sobre sua brancura a negrura que define um negro aos olhos de quem não é negro. O negro é uma invenção do branco. Supondo-se que aos brancos coube o papel de inventar tudo o que existe de bom no mundo, e que sou bom, eu fui inventado pelos brancos. Que me temem mais que aos outros brancos. Que temem e ao mesmo tempo desejam o meu corpo proibido. Que me escarpelariam pelo amor sem futuro que nutrem à minha negrura. Eu não nasci negro. Não sou negro todos os momentos do dia. Sou negro apenas quando querem que eu seja negro. Nos momentos em que não sou só negro sou alguém tão sem rumo quanto o mais sem rumo dos brancos. Eu não sou apenas o que você pensa que eu sou.

Conclusão

O contato com o gênero poético ofereceu um desafio a mais para o trabalho com a leitura literária em um ambiente de privação de liberdade, visto que a leitura cotidiana dos detentos da penitenciária de Sete Lagoas restringia-se a narrativas ficcionais, religiosas e históricas. No entanto, a compreensão da temática do livro associada ao contato direto com o autor tornou esse desafio uma excelente oportunidade de aprendizado e de fruição literária. E, sobretudo, uma oportunidade para a reflexão sobre a construção ou o resgate da identidade daqueles sujeitos. Como disse Ricardo Aleixo ao final do encontro, após perguntar o nome de cada participante do projeto: “Eu não tenho nenhuma razão para dizer ao sair daqui que eu visitei presidiários. Eu sei agora que cada um tem um nome e eu falei com homens que estão aqui com a sensibilidade e os ouvidos abertos pra mim. Eu não tenho o direito de sair daqui dizendo que conversei com presidiários. Portanto, quando nós

anulamos a identidade de grupos, nós estamos anulando a individualidade, a identidade e o direito desses corpos serem o que são.”

Os poemas da coletânea “Pesado demais para a ventania” permitiram aos leitores esse jogo entre o conhecimento e a crítica, tão caro a todo processo de letramento literário. As palavras do detento G.B. foram elucidativas, nesse sentido. Segundo o jovem, as rodas de leitura naquele ambiente tornavam a mente sã ainda que o corpo estivesse lacerado. Essa fala evidencia a necessidade de se refletir sobre o sistema prisional brasileiro, ou, conforme Juliana Borges, “pensar em novos horizontes mais ousados e radicalizados. Precisamos repensar o sistema de justiça para que se organize não pela vingança e punição, mas, principalmente, pela restauração e reconciliação”

Bibliografia

ALEIXO, Ricardo. Pesado demais para a ventania. São Paulo: Todavia, 2018.

ALEXANDER, Michelle. A nova segregação: racismo e encarceramento em massa. São Paulo: Boitempo, 2017.

BORGES, Juliana. O que é: encarceramento em massa? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BUFF, Luci. Horizontes do perdão: reflexões a partir de Paul Ricoeur e Jacques Derrida. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2009.

DERRIDA, Jacques. “O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?”. in **DERRIDA, Jacques.** Pensar a desconstrução / Evando Nascimento (org). São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir. Lisboa: Edições 70.* Nota de apresentação. e-book Kindle.

LOURENÇO, Arlindo da Silva. ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano (Orgs.) O espaço da prisão e suas práticas educativas: enfoques e perspectivas contemporâneas. [online] São Carlos: EdUFSCar, 2011. From SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Leituras na prisão: coerência no caos. Maringá: Eduem, 2011

NETO, Clarindo Epaminondas de Sá. CALEGARI, Cassiano. A humanização da execução da pena privativa de liberdade. Erechim-RS: Editora Deviant. 2015.

PERRONE-MOISÉS, Cláudia. Texto de apresentação do livro de MIGLIORI, Maria Lucy Buff. Horizontes do perdão: reflexões a partir de Paul Ricoeur e Jacques Derrida. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2009.

RAMOS, Rowayne Soares. Letramento na prisão? Curitiba: Appris, 2016.

SOARES, Carla Poesia Gadelha; VIANA, Tania Valente. Educação em espaços de privação de liberdade: descerrando grades. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.